

Lusíada



Repositório das Universidades Lusíada

Universidades Lusíada

Silva, Júlio Joaquim da Costa Rodrigues da, 1958-

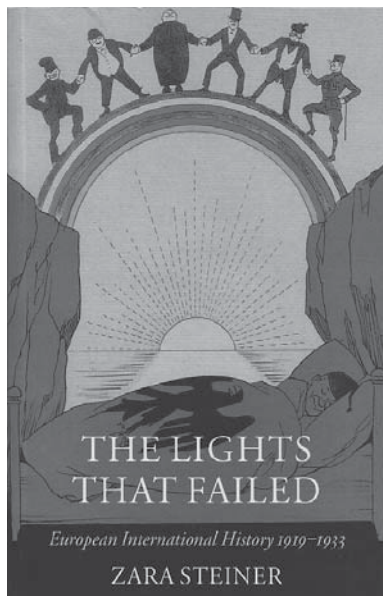
**Recensão : The lights that failed European
International History 1919-1933**

<http://hdl.handle.net/11067/5650>

Metadata

Issue Date	2007
Type	article
Peer Reviewed	No
Collections	[ULL-FCHS] LH, s. 2, n. 04 (2007)

This page was automatically generated in 2020-11-30T11:54:38Z with information provided by the Repository



Zara Steiner, *The Lights that Failed. European International History 1919-1933*, *Oxford History of Modern Europe*, **General Editors, Lord Bullock and Sir William Deakin**, Oxford/New York, Oxford University Press, 2007.

The Lights that Failed é a primeira parte de uma obra mais vasta da historiadora Zara Steiner referente aos complexos problemas da política internacional europeia, no período que decorre *grosso modo* entre o final da Primeira Guerra Mundial em 1918 e o início da segunda em 1939. Aliás, a autora prevê ainda publicar um epílogo que prolongue a sua análise até 1941, altura em que a “Guerra de Hitler” se torna decididamente mundial. O presente trabalho centra-se na época que decorre entre a assinatura do Tratado de Versalhes (1919) e a ascensão de Hitler ao poder na Alemanha (1933). A abordagem escolhida recusa a visão tradicional dos investigadores desta época que tendem a reduzi-la a um simples prelúdio da Segunda Guerra Mundial. A originalidade deste livro reside precisamente na insistência em focar os anos que decorrem entre 1919 e 1933 como perfeitamente independentes dos trágicos e traumáticos acontecimentos de meados da década de 30 e da primeira metade da seguinte. Na perspectiva de Zara Steiner, o essencial consiste em compreender o impacto da terrível provação pela qual passaram os povos e nações europeias durante a Primeira Guerra Mundial nas esperanças e acções dos decisores políticos do pós-guerra. A sua análise acentua os aspectos inovadores e optimistas da época da reconstrução europeia entre 1918 e 1929 que constituem a primeira parte deste volume. Com efeito, o final da Primeira Grande Guerra Mundial foi marcado pelo esgotamento humano dos povos europeus após quatro anos de um terrível conflito militar. O cansaço conduziu ao abandono da luta pelos alemães mas atingiu igualmente as populações do resto da Europa afligidas pelas dificuldades económicas e a epidemia da *influenza* de 1918. As elites políticas tradicionais foram fortemente afectadas, sobretudo na Alemanha, Rússia, Áustria-Hungria e Turquia, mas nos outros países a sua legitimidade

foi também posta em causa como o caso italiano o demonstrará em breve. Estes factos tornaram difíceis os primeiros anos após o fim do confronto militar, pois os diversos governos enfrentaram terríveis dificuldades para conseguir tomar as medidas necessárias à reconstrução dos respectivos países ou à simples manutenção da segurança interna. No entanto, o período de reconstrução da Europa entre 1918 e 1929 foi um sucesso relativo e traduziu-se numa relativa estabilidade internacional assente, não no regresso ao sistema internacional à guerra, mas à tentativa da sua readaptação aos novos tempos e experiências da guerra. A Liga das Nações, tão acarinhada pelo presidente norte-americano Wilson representou, um esforço neste sentido não necessariamente condenado ao fracasso, apesar das inevitáveis limitações que lhe foram impostas desde o início. Da mesma forma a autora não considera o Tratado de Versalhes de 1919, não obstante as críticas que lhe tece, como sendo o responsável por uma alteração radical de equilíbrio do poder internacional. Embora sujeita a limitações provisórias, a Alemanha continuava a ser uma potência de primeiro plano na Europa. O mais grave foi o ressentimento dos países afectados, como a Alemanha do lado dos vencidos e a Itália dos vencedores, e a reconstrução do mapa geopolítico na Europa Central e Oriental, seguindo orientações sem muito contacto com a realidades étnicas e históricas locais. A emergência de fortes nacionalismos nestas regiões profundamente atingidas por esta “engenharia política” na construção de novas nações criou tensões que se perpetuaram e condicionaram a reconstrução europeia a Leste. A ausência relativa da Rússia, transformada pela Revolução Bolchevique numa experiência social e política totalmente nova, não contribuiu para a tão desejada estabilização internacional. Além disso, o primado na Europa Ocidental era dado aos problemas económicos, ao contrário da Europa de Leste onde a primazia ia para o nacionalismo triunfante. Contudo, Zara Steiner considera que o sistema internacional funcionou com relativa fiabilidade até 1929, sendo capaz de equilibrar o internacionalismo e o nacionalismo dominantes no panorama internacional.

A segunda parte é relativamente mais pessimista, como o demonstra bem o título escolhido pela autora: *The Hinge Years, 1929-1933*. No entanto, as sombras que progressivamente se vão adensando sobre a Europa não autorizam, nestes últimos anos, qualquer abordagem determinista que conduza directamente da crise financeira internacional de 1929 à tomada do poder por Hitler na Alemanha em 1933 e, muito menos, ao tortuoso caminho que levou a novo conflito mundial. Todavia, as raízes do mal estão já presentes neste período e é sobre elas que a autora se debruça, procurando definir os momentos e pontos de ruptura que destruíram o sistema político internacional. Sob este ponto de vista, o essencial joga-se numa incapacidade crescente e notória em manter uma solidariedade internacional entre os diversos estados e potências em prol da defesa dos interesses nacionais *tout court*. Em primeiro lugar, a crise económica de 1929 demonstrou, nos anos subsequentes, a incapacidade das diversas autoridades económicas nacionais e internacionais de trabalharem conjuntamente para travarem ou limitarem os seus

efeitos mais nefastos. Em segundo lugar, a crise sino-japonesa na Manchúria, iniciada em 1931 e prolongando-se num conflito militar posterior de longa duração, demonstrou a impotência da comunidade internacional, nomeadamente a Liga das Nações, de travar uma agressão imperialista de um Estado sobre outro. Finalmente, o fracasso da Conferência de Desarmamento de Genebra de 1932 demonstrou a fragilidade dos movimentos pacifistas e do pacifismo junto da opinião pública mundial com excepção de algumas democracias ocidentais. A conjugação destes três insucessos da solidariedade internacional demonstraram à sociedade as fragilidades das soluções do internacionalismo e reforçaram as tendências isolacionistas de cada país favorecendo as abordagens mais rigidamente nacionalistas das relações internacionais. Assim sendo, a ascensão de Hitler em 1933 foi mais o produto de uma evolução contraditória e complexa da realidade europeia do que de uma inevitabilidade histórica. No entanto, não deixa de marcar uma viragem radical no fluxo dos acontecimentos tornando-se uma data cómoda para separar os dois períodos, do ponto de vista da autora.

A fundamentação desta nova maneira de perspectivar os acontecimentos exigiu da autora uma mudança de atitude no estudo desta época que se relaciona directamente com a sua vivência pessoal e académica. O fim da Guerra Fria proporcionou-lhe olhar para o passado de uma forma diferente, pois apercebeu-se da dependência que a sua geração desenvolvera do conflito que terminou pacificamente em 1989. Não houve nenhuma conflagração mundial e apocalíptica entre os Estados Unidos e a União Soviética com os respectivos aliados. Este facto permitiu-lhe compreender que a tensão vivida nos anos deste confronto entre as duas superpotências vencedoras da Segunda Guerra Mundial se projectavam, de forma inconsciente, na análise que fazia da época de 1919 a 1939. A inevitabilidade da Segunda Guerra Mundial não estava inscrita de forma determinista na evolução histórica posterior à Primeira Guerra Mundial. A libertação deste estereótipo cultural e ideológico possibilitou-lhe também uma melhor compreensão da importância das áreas geralmente desvalorizadas na investigação do mesmo período. A abertura dos arquivos da Europa de Leste, incluindo os da extinta U.R.S.S., permitiram uma relativa ultrapassagem das barreiras linguísticas e políticas. O acesso a um notável acervo de novas fontes e de estudos recentes tornou viável uma análise mais equilibrada dos problemas dos diferentes países da Europa Ocidental e Oriental. A visão de uma evolução unívoca da história da Europa, centrada nos problemas tradicionais da reconstrução na Europa Ocidental e Central, foi ultrapassada e complementada com novas e mais complexas questões. A alteração das perspectivas metodológicas, por parte de Zara Steiner, não a conduziu a uma rejeição total das suas “crenças” historiográficas, pois recusa o relativismo absoluto de uma concepção subjectiva da história característica do Pós-Modernismo. A autora, sem aceitar a existência de uma interpretação única dos acontecimentos ou uma objectividade total, afirma: “I believe that it is possible to illuminate the thinking and the actions of the majors players in this drama without gross distortions, and that one can describe

the outlines of the worlds, real and imagined, within which they operated.”¹. Assim sendo, a refrescante explicação dos trágicos e desumanos acontecimentos não só é possível, mas revela a sua utilidade para a nossa compreensão das épocas mais sombrias da história da Humanidade. A análise está de acordo com a visão optimista e sem preconceitos que nos deixa do estudo do período do primeiro pós-guerra e, por este facto, é sem dúvida um livro inspirado de leitura obrigatória para estudantes e investigadores universitários.

Júlio Joaquim da Costa Rodrigues da Silva

¹ Steiner, Zara, *The Lights that Failed. European International History 1919-1933*, *Oxford History of Modern Europe*, General Editors, Lord Bullock and Sir William Deakin, Oxford/New York, Oxford University Press, 2007, p. vi.